

ROMANCE
HEROICO

NA
FAUSTISSIMA, E GLORIOSISSIMA

ACCLAMAÇÃO

DA

RAINHA NOSSA SENHORA

EM 13 DE MAIO DE 1777

OFFERECIDO

A

ELREI NOSSO SENHOR

D. PEDRO III.

POR

GERVASIO DO SAL E ALMEIDA
COGOMINHO,

*Freire Conventual de Palmella, Prior, e Juiz da Ordem da Villa, e Co-
marca de Ferreira.*



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria.

ROMANICO

FAUSTISSIMA, E GLORIOSISSIMA

A CCLAMACÃO

RAINHA NOSSA SENHORA

EM 13 DE MAIO DE 1777

OPREMISSO

EL REI NOSSO SENHOR

D. PEDRO III.

POR

GERVASIO DO SAL E ALMEIDA

COGOMINHO

Este Documento de Impressão, foi impresso e publicado em Lisboa, na Officina Typographica da Real Academia das Sciencias, em 1777.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA

MDCCLXXVII

Com a Imprensa da Real Academia das Sciencias

ROMANCE HEROICO.

DA mais Alta Rainha, e poderosa
Eu canto a Acclamação, e o acto egregio,
A pompa festival, a Magestade,
E a gloria immortal do Lusó Imperio.
E tu, Musa gentil, que tantas vezes
Influido me tens suaves conceitos,
Levando-me á Castalia transportado,
Por beber a ternura de teus versos:
Agora mais que nunca eu necessito
De hum sagrado furor, alto respeito:
Inspira-me divino enthusiasmo,
Para cantar altivo, grave, e serio.
E Vós, Rainha Augusta, e Soberana,
Que na Mão sustentais o justo Sceptro,
Para gloria immortal da nossa idade,
Para amparo feliz do vosso Reino:
Inclinai por hum pouco o Régio ouvido
Á minha torpe voz, se for grosseiro,
Attenda mais que á voz, o vosso amparo,
Á singela oblação de hum puro affecto.
Eu vou cantando; mas que cousa digna
De Vós direi em toscos pensamentos?
Elevai minha voz ao vosso Throno,
Será feliz na elevação do Objecto.
Depois que o Sacro Olympo em Consistorio
Votára justo no seguro premio
Das excelsas Virtudes de hum Monarca,
Que a terra troca pelo firmamento:

Eu fallo (bem sabeis) do Sol brilhante,
 Benigno, claro, luminoso, e bello,
 Que na esféra dos Astros Lusitanos
 Entre todos foi unico primeiro:
 Aquelle Heróe Augusto, que no bronze
 A todo o Mundo se deixou eterno;
 Tendo Estatua no Templo de Memoria,
 A sua Estatua foi maior que o Templo:
 Feliz tronco da Flor mais engraçada,
 Que em frutos admiraveis, e preexcelfos
 Orna, engrandece, estima, alegre, ampara
 A Croa, a Patria, a Corte, o Povo, o Reino.
 Quando a saudade, e a esperanza viva
 (Na conjunção mais crítica dos tempos)
 Despertava a memoria nos pezares,
 As ditas segurava nos acertos.
 Na era de tres fetes successivos,
 Já depois de passado o duro inverno,
 E livre das enchentes revoltosas,
 Socegado corria o manso Téjo.
 Quando as plantas mimosas refurgindo,
 Da terra brotão: do passado gelo
 Já triunfão contentes, rindo alegres
 Dos troncos duros, e dos velhos cepos:
 Quando a Flóra aromatica domina
 Nos bosques, relvas, valles, nos outeiros,
 Linda, bella, fragrante, magestosa,
 Nos lirios, rosas, flores, arvoredos:
 Quando as Aves modulão nos raminhos,
 Com sonoras gargantas nos requebros,
 Orfeos alados, vivos ramelhetes,
 Saudosos roxinoes, canóros melros:

D

Quan-

Quando da alta montanha se despenhão
 Cryfallinas fangrias dos rochedos,
 Que em canudos de prata derretida,
 Fórmão nos valles candidos espelhos:

Na Primavera (digo) deliciosa
 Estação, mais benefica do tempo,
 Anno ditoso de setenta e sete,
 Além de mais, com mil e setecentos.

No dia treze (°) do presente Maio,
 Dia o mais fausto para todo o Reino,
 Por vermos Regalados neste Dia
 A Pedro Santo, e a hum Rei Dom PEDRO.

Em dia, (°) que a huma, e outra Rainha
 Se votão cultos, e se dão respeitos,
 Rainhas ambas, (falva a igualdade)
 Huma do Reino, a outra do Universo.

Se á Rainha dos Ceos a Santa Igreja,
 Por boca de Agostinho o mais discreto,
 Lhe figura os triunfos de seu Filho,
 No fel, (°) nas chagas, no sagrado Lenho:

Á Rainha da terra a fábria Corte
 Lhe mostra em nove Reis, nove troféos,
 Escudos, que chagados representão
 As vivas chagas de infinito preço:

As Armas, digo, as Armas gloriosas,
 O mais nobre brazão, que Deos Supremo
 Ao primeiro Monarca conferio,
 Em seguro final de vencimento.

(a) Dia de S. Pedro Regalado.

(b) Dia tambem da Senhora dos Martyres.

(c) Na sua Lenda *ad ultimum verberatus*, &c.

Neste Dia festivo, alegre, e claro,
 À vista de magnificos empenhos,
 Os Lusos corações estremecidos
 Não cabem nas esféras de seus peitos.
 Oh quantos vi estaticos de gosto,
 Em gloria absortos, de prazer suspensos!
 Correndo brandamente de seus olhos
 As lagrimas de seu contentamento.
 Perolas forão, com que debuxarão
 A riqueza do gosto, e do focego,
 A graça do semblante, e o seu ornato,
 Da alegria interior doces effeitos.
 Semelhantes á Mãi a mais faudosa,
 Que espera ver o Filho o mais dilecto,
 O Filho, que por tempos dilatados
 Dos braços lhe roubou o Fado adverso:
 Taes estavão os peitos Portuguezes
 Alterados do gosto, e dos affectos,
 Esperando que o Sol da Magestade
 A seus olhos ficasse manifesto.
 Mas em quanto a demóra combatia
 Os corações, e vivos pensamentos
 No artificio, na pompa, no apparato,
 Os olhos procuravão refrigerio.
 Alli se admira a perspectiva nobre,
 Que Minerva dictou aos Architectos,
 A justa proporção, a symmetria
 O debuxo, o ornato, o rico, o bello.
 As Corintias, e Doricas columnas,
 E do Egypto os célebres portentos,
 As Romanas idéas sempre altivas,
 Os diversos, e Goticos enleios:

Já assumpto não são á mesma Fama,
 Que as cem linguas recolhe no silencio,
 Ficando abforta pela novidade,
 De ver mais nobres, mais gentís modêlos.

Aquelle metal rico, que escondido
 Nas entranhas da terra, gerou Febo,
 Poderoso attractivo dos humanos,
 Que por mar, e por terra buscão cegos:

Já depois de depôr a escoria tosca
 No crysol, que abrazou o fogo intenso:
 Provando na pureza a fiel constancia
 A golpes repetidos de martello:

As entranhas dos Fenix renascidos,
 Que as mortalhas fabricão de si mesmos,
 Tecendo a casa para sepultura,
 Que os homens roubão para seu proveito:

Depois que Aracne fabricou os fios,
 O fino separando do grosseiro,
 Bordando no tear vistosas flores
 De azul, de carmezim, e de amarello:

Riquezas são obradas, e dispostas
 Pela mão d'êstra, pelo agudo engenho,
 Labyrinthos, de ouro, recamados
 Em ramos de coral, campos vermelhos.

Desta forte exornada a grande Praça,
 Recebia attenções no seu prospecto,
 Commutando riquezas pelos gostos,
 Fazia grata liberal commercio.

Naquelle parte, donde o Augusto Throno
 Blasonava de altivo, rico, e excelso,
 Como no mar, que o Sol banha de raios,
 Perigavão os olhos nos reflexos.

Deixo de referir as nobres galas,
 Vestiduras, adornos, luzimentos,
 As pedras preciosas, e os diamantes,
 Que brilhavão nos ricos adereços.
 O modo, a gravidade, a compostura
 Do Grande, do Fidalgo, e Conselheiro,
 Dos Nobres, dos Ministros, Militares,
 Dos Barretes, das Mitras, dos Capellos.
 Que impossivel feria, que cantasse
 Diffusas excellencias em compendio,
 Aspectos graves, juntamente alegres
 Do mais Illustre, do melhor Congresso.
 Mas que pasmo, que affombro, que prodigio!
 Me affombra, me suspende no que vejo!
 Admiro, que na parte do Occidente (a)
 Hoje o Sol principia o nascimento.
 Sim, já os Astros de maior grandeza
 Apôs do Sol, seu curso vão fazendo;
 Pois cortezes, bisarros vão seguindo
 O Luminar maior deste hemisferio.
 Que gloria, e Magestade, que triumpho!
 Que raridade, e milagroso excessão!
 Ou hoje o Ceo á terra se traslada,
 Ou a terra hoje sóbe ao firmamento.
 Mas que muito, se o pasmo dos prodigios,
 Animado milagre, affombro Regio,
 Hoje converte a terra em Paraíso
 De delicias, e glorias todo cheio.
 MARIA, digo, aquella Divindade,
 Que nas Aras Sagradas do respeito,
 E vivos corações, levanta Imagens,
 Donde fumão puríffimos incensos.

MA-

(a) Estava á parte Occidental a Baranda de Sua Magestade.

MARIA, mar de graças dilatado,
 Cujó porto benigno, doce, ameno,
 Prompto recebe naufragos perdidos,
 Cujos quiz destroçar o feroz vento.

MARIA Augusta, a célebre Rainha,
 Lá destinada nos annaes eternos
 Para extender benigna o seu dominio
 Dentro dos corações de seus fogeitos.

Hoje se acclama nesta Illustre Corte
 Pelos grandes Vassallos, e pequenos;
 Mas que muito, se a Fama em altos brados
 Já a tem acclamado no Universo?

Com alta Magestade, independente
 Se sujeita a tomar o juramento,
 Ceremonia escusada a quem nos rege
 Pelas maximas santas do Evangelho.

O Condestavel terno, mas altivo,
 No Real Sangue bebendo altos alentos,
 Estende a espada, a todos intemida
 Nas armas da Justiça, e do Direito.

O Alferes Maior, desenrolando
 O Labaro Real, e a mão erguendo,
 Faz tremular vistoso o Estendarte,
 Em final de triumpho o mais completo.

Os Reis armados das sagradas Quinas,
 Os nros antiquados exercendo,
 Já dos vivas, que dão á Magestade,
 São sonóros, alegres pregoeiros.

O Povo alvoroçado de alegria,
 Repete vivas em disformes écos,
 Sendo o mesino tumulto desconforme,
 Hum obsequio conforme nos cortejos.

- O vasto mar, a terra, o ar, o fogo,
 Já são concordados nos obsequios;
 Para louvar tão alta Magestade,
 Se concordão diversos elementos.
- O fogo activo, mais resplandecente,
 Em linguas abrazadas já desfeito,
 Os medonhos estrondos de Mavorte
 Concilia na paz de seus festejos.
- O ar mais puro de forte elle se agita
 Pelo seu dilatado espaço aereo,
 Que nas azas dos Zefiros ambientes
 Transporta da Hiblêa suaves cheiros.
- A terra estremecida dos clamores,
 Já repete nos concavos penedos,
 Dobrando as vozes dos alegres vivas,
 Pelas vozes da sua amavel Éco.
- O mar se encrespa, as ondas empolando,
 Altivo fórma transparentes ferros,
 Sobre os quaes se levantão magestosas
 Columnas de crystal, bases de argento.
- Palacios são da Grande Mãi dos Deoses,
 Donde as filhas formosas de Nereo
 Os capiteis lhe exornão ricamente
 Das verdes esmeraldas do cabello.
- Alli se juntão as mimosas Ninfas
 Do Mar, das Fontes, do vistoso Téjo:
 Cantando os vivas de immortal applauso
 Em acordes canções, em doces metros.
- Entre-tanto, a Rainha Soberana,
 Se mostra ao Povo airoza nos passeios;
 E para dispender mercês augustas,
 Busca no Regio Throno o Real assento.

Amor,

Amor, honra, que faz a seus Vassallos,
 Entre os favores, que executa immensos,
 He permittir-lhe o toque de seus labios
 Na Mão Augusta, que recebe os beijos.

Entre aquelles, que tem ventura tanta,
 Me arrebatava a attenção o doce aspecto
 De hum Velho venerando, que procura
 A mesma dita, o mesmo privilegio.

Sorrindo-se, porém este sorrifo
 Em nada lhe tirava o circumspecto;
 Que na mesma alegria, que mostrava,
 Era grave, porém não era austéro.

De cans brancas, bigode retrocido,
 Levava tufos no vestido preto,
 Capa, gibão roccado, espada, adaga,
 Este era Portugal, Portugal Velho.

Com seus passos pezados vai andando,
 Ante o Throno tres vezes genuflexo
 Pede licença para expôr na lingua,
 O que sabio cogita o pensamento.

Já posto em pé medindo os circumstantes:
 O alegre semblante aos Ceos erguendo:
 Fixa os olhos no Solio Magestoso:
 Estas vozes arranca de seu peito:

Salve, ó Alta Rainha, tantas vezes,
 Quantas multiplicais o poder pleno
 Nos corações, nas almas dos Vassallos,
 Nas memorias, yontade, entendimentos.

Para os dotes sublimes, e preclaros,
 Que na vossa Pessoa reconheço,
 Nada he Portugal, Brasís, e Algarve,
 He pouco premio todo o Mundo inteiro.

Os vossos Grandes, Reaes Progenitores,
 Vos souberão formar lá desde o berço,
 Para hum exemplar da Soberania,
 Da Virtude, e Prudencia vivo exemplo.
 (Oh quanta VICTORIA a Mãi Augusta
 Alcança no cabal merecimento
 De huma Filha, em que vai eternizando
 A mesma Magestade, o mesmo genio!)

Qual outra Pulqueria veneranda
 Vos conjecturo com prudente acerto,
 Bem costumada da primeira idade
 Para maximas fantas do governo.

Se for precisa a defensão do Estado,
 (Oh Deos! não permittais estes flagellos)
 Sereis Zenobia, e Debora (^a) illustrada
 No impavido valor, justos conselhos.

Que a defeza do Estado não consiste
 Nos Monarcas, que são mais corpulentos:
 Nos espiritos vivos, como o vosso,
 Os exitos felices são mais certos.

Os Assyrios famosos, e potentes,
 Formidaveis a todo o Povo Hebreo,
 Em a perda do General (^b) robusto,
 Coroárão Judith (^c) de vencimentos.

Se ella foi alegria, honra, e gloria
 Da Nação, da Cidade, e Povo o preço,
 Este elogio já vos he devido
 Na liberdade, e paz, em que me vejo.

Já

(a) Lib. Judic. cap. 4.

(b) Hol. fernes Lib. Judith cap. 14.

(c) Idem cap. 15.

Já tres vezes ditoso, e descansado,
 Vivo com gosto, vivo satisfeito,
 Na posse da Rainha appetecida,
 Por ser da minha dita o complemento.

No seculo septeno vou entrando,
 Em todos estes annos bem me lembro,
 De vinte e dous Monarcas Portuguezes,
 A primeira Vós fois do vosso sexo.

A larga dilação destes meus annos
 Me faz premeditar nestes successos,
 Que a vossa Acclamação he providencia,
 Não he acaso, mas contém mysterio.

As promessas do Deos Omnipotente,
 Gravadas na memoria inda confervo:
 Dezeseis gerações do grande Affonso
 Até Henrique Cardeal número.

Aqui se atenuou a Prole altiva,
 Não foi porque passasse a mando alheio,
 Com desgraça vivendo desterrado
 Em poder de Monarcas Estrangeiros;

Mas sim porque senti, que em huma Infanta (a)
 Catharina (digo) em saber portento,
 Me despojarão da maior ventura
 Contra toda a razão, contra direito.

Desta perda fatal restituído
 Eu já me vejo, com prazer immenso;
 Porque os dotes daquella Alma brilhante,
 Sem lisonja (Senhora) em Vós contemplo.

Quem

(a) A Senhora D. Catharina, Filha do Infante D. Duarte, e Neta d'ElRei D. Manoel, Duqueza de Bragança, perita em varias Linguas, Grega, e Latina, sciente na Astronomia, e Mathematica, Theatr. Heroico pag. 230.

Quem poderá sondar, se o Poderoso,
 Altíssimo Senhor, nos seus Decretos
 Ha de mostrar no sexo feminino
 Infalliveis os seus promettimentos?
 A honra de Rainha hereditaria
 Até agora o Senhor me não tem feito:
 Agora, que recebo esta ventura,
 De Reino passarei a ser Imperio.
 Não sou Profeta; porém nas Heroínas,
 (As Historias dos Reinos revolvendo)
 Conto milhares de felicidades,
 Com que Deos acredita os seus projectos.
 Mas ah, se a brevidade facultada,
 Permittira que fosse mais extenso,
 Catalogos formára numerosos
 De peitos feminis, subtis engenhos.
 Alli descreveria as bellas flores,
 Que nascêrão dos vossos troncos mesmos,
 As Brancas, Ifabeis, e Margaridas, (*)
 Conjunctas vossas pelo parentesco.
 Quando outra razão não encontrára,
 Para poder formar auspicios certos,
 Fora bastante o vosso Nome Augusto,
 Que me dá mais felices fundamentos.
 Sim, já o Nome altivo de MARIA,
 Preservando Moyfés de ser submerso
 Em as agnas do Nylo, porque fosse
 Salvador do seu Povo do Deserto:

O

(*) As Rainhas D. Branca, Mãe de S. Luiz Rei de França, D. Isabel, Mulher d'ElRei Fernando, D. Margarida, Filha de Carlos V, D. Isabel, sua Sobrinha, e Filha de Philippe II. Moyne, en la Gallerie des Femmes fortes, pag. 13.

O Nome de MARIA repetido

Nas Marias do Novo Testamento,
São symbolos da paz, e da lealdade,
Da fé, da caridade, e dos difvelos:

O Nome de MARIA, o grande Nome,
Por quem do Ceo á terra a paz nos veio,
Reparando as desgraças commettidas,
Que induzio hum Demonio o mais soberbo:

Me dão claras idéas, e presumo
Que Vós, MARIA excelsa, ides sabendo
Salvar o Povo, dar-lhe a liberdade,
Introduzir a paz, dissipar erros.

Estas ditas eu julgo permanentes,
E firmadas por alto mandamento
Na firmeza de PEDRO, a Pedra Iman
De nossos corações, vossos affectos.

De tão feliz Conforcio, já admiro
Principes, que formais altos modêlos
Para pasmo do Mundo, para as glorias,
Que contente lograr ainda espero.

Diffe. O Sabio Concurso reparando
Em seu semblante alegre, o mais modesto,
Lhe descubrio na propria singeleza
O Carácter de hum Velho verdadeiro.

A Excelsa Rainha se levanta
A buscar reverente o Sacro Templo,
E a render profunda vassallagem
Ao Rei dos Reis, Imperador Supremo.

Ide assistir aos Hymnos, que decantão,
Em vozes gratas, musicos accentos,
Louvai a Deos, que todos lhe dão graças,
Pelo bem, que nós todos em Vós temos.

Ide

Ide já receber Augusta a Croa,
 Que o mesmo Omnipotente, e Deos immenso
 Vos destina na terra, porque em Throno
 Vivais com Magestade annos eternos.
 Que eu vou rogando pelas vossas glorias,
 Como Pastor do candido Cordeiro,
 Do qual eu apascento o seu Rebanho
 Lá nos Valles, e Montes de Alentéjo.

F I M.